

IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE. SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE, DE HALL E DE BAUMAN*

IDENTITY IN POSTMODERNITY.
UNDER THE PERSPECTIVE OF HALL AND BAUMAN'S PSYCHOANALYSIS

Glaucia Maria Queiroz**

RESUMO

Identidade é um conceito que percorre a linha da história transformando-se constantemente e, nas últimas décadas, tem sido discutido por diferentes áreas do conhecimento. Em tempos pós-modernos, já há autores que questionam se tal conceito ainda é necessário. Observa-se, entretanto, uma clara tendência de desconstrução da ideia de uma identidade única, integral e originária. Nesse ensaio se discute brevemente o entendimento atual do conceito de identidade através de diferentes lentes. A primeira é a da psicanálise com seus pontos de vistas contrastantes, de Freud a Butler, passando pelo entendimento rizomático de diferença e repetição de Deleuze e Guattari; a segunda lente é a do sociólogo culturalista Stuart Hall, que desenvolveu o conceito dos cinco grandes deslocamentos da história moderna e considerou o conceito de identidade como um termo descentrado; a terceira lente é a do filósofo Zigmunt Bauman, que, discorrendo sobre tempos líquidos, muitas vezes se dedicou a explicar seu entendimento sobre a fluidez da identidade atual e sua construção como quebra-cabeças.

PALAVRAS-CHAVES: identidade; pós-modernidade; psicanálise; Hall; Bauman.

ABSTRACT

Identity is a concept that has developed through history, constantly changing. In recent decades, this concept has been reviewed in different areas of knowledge. In post-modern times, some authors are even questioning whether this concept is still necessary. However, there is a clear trend towards deconstructing the idea of a single, integral and original identity. In this essay the intention is to discuss briefly the current understanding of the concept of identity through different lenses. The first is that of psychoanalysis with its contrasting points of view, from Freud to Butler, passing through Deleuze and Guattari's rhizomatic understanding of difference and repetition; the second lens is that of cultural sociologist Stuart Hall, who developed the concept of the five great displacements of modern history and considered the concept of identity as a decentred term; the third lens is that of the philosopher Zigmund Bauman, who, discussing liquid modernity, has often dedicated himself to explaining his understanding of the fluidity of identity and its construction as a puzzle.

KEY WORDS: identity; postmodernity; psychoanalysis; Hall; Bauman.

* Artigo recebido em 13/05/2025 e aprovado para publicação em 10/06/2025.

** Doutora em Relações Interculturais (com foco em Psicologia Intercultural) junto à Universidade Aberta de Portugal. Mestra em Mental Health junto à University of Liverpool e graduada em psicologia pela UFMG. Trabalha atualmente na área de psicologia clínica intercultural em consultório privado na Alemanha. E-mail: glauciaqueiroz@yahoo.com.

INTRODUÇÃO

Santos (2013) afirmou que o conceito de identidade nasceu da e com a modernidade. O conceito de identidade tem sido questionado, hodiernamente, por diferentes áreas do conhecimento (Silva; Amazonas, 2009), e há uma tendência de desconstrução da ideia de uma identidade única, integral e originária (Bauman, 2001; Hall, 2006b; Coutinho *et al.*, 2007;). O sujeito moderno é um “não-uno”, construído que é numa multiplicidade de espaços e de lugares (Joaquim, 2015; Joaquim; Barros, 2019). Todavia, não se pode negar a continuidade na história de vida de cada um (Coutinho *et al.*, 2007).

Kim (2008) – em linha com autores como Bauman (2011), Hall (2006b) e Mélo e Di Paolo (2007) – explanou que o conceito de identidade sugere, etimológica e historicamente, a existência de um sujeito unificado, ideia que já não corresponde ao sujeito globalizado, fragmentado e portador de novas identidades. A questão “quem sou eu?” acompanha o indivíduo por toda a vida e sempre recebe respostas diferentes (Freund, 2022).

Há um sem-número de teorias sobre identidade, pois esse é um conceito rizomático que se desdobra nas mais variadas direções. No escopo deste ensaio, entretanto, se limitará a discussão ao conceito identidade na modernidade/pós-modernidade, sua evolução de acordo com a psicanálise e com os pontos de vista de Stuart Hall e de Bauman.

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE

A noção de uma identidade plural ou processual já é familiar às ciências sociais, afirmaram Frosh e Baraitserd (2009). Apesar disso, alertaram, a psicanálise segue com opiniões contraditórias sobre tal questão — reflexo de sua própria identidade fraturada.

O princípio básico da teoria freudiana é a noção de inconsciente e, consequentemente, de suas instâncias formadoras, nomeadamente, o *id*, o *ego* e o *superego*. Ao assinalar que o indivíduo estrutura o seu próprio Eu através da troca identificadora com aquilo que o rodeia, Freud iniciou toda a reflexão moderna sobre a identidade, asseverou Kaufman (2005 *apud* Hoffmann, 2008), que considera ter sido Freud o fundador do conceito identidade nas ciências humanas. No texto *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), Freud enumerou os três golpes narcísicos que a humanidade sofrera, isto é, três maneiras diferentes de destruição do narcisismo: o golpe cosmológico, devido à descoberta heliocêntrica de Copérnico (1473-1543); o golpe biológico, causado pela Teoria de Darwin (1809-1882); e o golpe psicológico,

advindo da própria Psicanálise. Stuart Hall, décadas depois, se referiu ao conceito freudiano de inconsciente como um divisor de águas da história: o segundo “descentramento/deslocamento” na trajetória do sujeito sociológico moderno. Com esse conceito Freud destruiu a ilusão do completo autoconhecimento humano, abalou a crença de que o ser humano detém o poder sobre suas escolhas, mostrando que, de fato, o *ego* não é mestre nem em sua própria casa (Hall, 2006a).

A partir do *Uma introdução ao narcisismo* (1914), Freud passou a investigar o privilégio da identidade em direção à descoberta da alteridade como constitutiva do ser. Ele insistia na importância indelével da presença do Outro no processo de constituição do Eu (Moreira, 2009). A pulsão de autoconservação — ou do Eu — parece almejar a manutenção do ideário moderno de uma consciência submetida à realidade e à perspectiva da manutenção da ordem. O Eu não se conhece sem a presença originária e estruturante do Outro, primeiramente a mãe, depois dos demais (Moreira, 2009). Para Freud, a identidade é móvel e formada por processos conscientes e inconscientes (Poletto; Kreutz, 2014).

Jacques Lacan é reconhecido na tradição psicanalítica por ter expandido teoria freudiana de forma inovadora. Para Lacan, assim como para Freud, a experiência de identidade não é inata, mas sim uma construção que se engendra na relação com o Outro. Dessa forma, pode-se afirmar que ambos estão de acordo com o significado etimológico do latim *identitas*: nós nos tornamos nós baseados no contexto das relações de Objeto, um tema que foi mais tarde aprofundado no modelo lacaniano. Lacan advogou que as pessoas se identificam ativamente com elementos dos Outros, considerando esses Outros como espelhos de si mesmos. Consequentemente, a experiência da identidade subjetiva seria fundamentalmente alienada, constituída por elementos alheios derivados do Outro (Vanheule; Verhaeghe, 2009). A base da identidade seria uma relação binária focada numa Outridade (Pinto, 2002 *apud* Noack, 2006).

Na década de 1950, com base na teoria do desenvolvimento psicosssexual de Freud, estendida posteriormente por Anna Freud, o psicanalista Erik Erikson (1902-1994) apresentou ao mundo sua *Teoria do Desenvolvimento Psicossocial*. Como Freud e outros teóricos, Erikson advogou que a personalidade e a identidade se desenvolvem em uma ordem pré-determinada, e que cada etapa se baseia na etapa anterior (princípio epigenético). Da teoria freudiana, Erikson enfatizou, por exemplo, a importância do inconsciente, bem como a sucessão de experiências da primeira infância, especialmente em relação ao desenvolvimento psicosssexual e sua influência sobre a identidade. Ele, porém, foi além de Freud ao teorizar

sobre identidades como resultados epigenéticos tipificados e de adaptações a circunstâncias histórico-culturais. Erikson, assim como Alfred (1870-1937) Adler, acreditava que o indivíduo não pode ser compreendido fora de seu contexto social e colocou grande ênfase em fatores socioculturais, o que não se pode dizer de Freud em geral.

Segundo Sokol (2009), Erikson foi o primeiro teórico a relacionar claramente identidade e cultura, uma combinação que viria a ser vastamente estudada posteriormente. Sua *Teoria do Desenvolvimento Psicossocial* revolucionou os conhecimentos sobre o desenvolvimento humano, sendo um ponto de referência para muitos estudos posteriores sobre desenvolvimento identitário (Hoare, 2002; Appiah 2018; Peck, 2018)¹. Para Erikson, cada estágio de vida (desde a infância até a velhice) estaria associada a um conflito inerente (*turning point*), interno e externo, que o indivíduo deveria enfrentar e resolver com sucesso para prosseguir em seu desenvolvimento e construir sua identidade (Sokol, 2009).

Também Dantas *et al.* (2010) afirmaram que a identidade só existe contextualizada, sendo sempre um conceito relacional, contrastivo, resultante de negociações e revestido de uma dimensão política. Consoante com essas ideias, Hall (2006a), afirmou que a identidade é formada na interação entre o Eu e a sociedade, como uma “negociação”, nas palavras de Sousa (2013) em alusão aos jogos de polissemia que dão corpo e vida a identidades como “latino-americana”, “pessoa preta”, “mulher” etc.

A questão central da identidade para Erikson seria a capacidade do ego de, face às mudanças provocadas pelo destino, manter sua “mesmice” (*sameness*), isto é, sua continuidade²; ou seja, para ele o processo de formação da identidade envolveria a criação de um senso coerente de *self* e de quem se é em relação ao mundo, gerando uniformidade na diversidade, ideia refutada por Bauman (2011) e Hall (1992). Segundo Keupp (2013), o discurso pós-modernista sobre identidade rompeu radicalmente com todas as noções que apontem para a possibilidade de uma identidade estável e segura. Qualquer concepção de identidade que postule o núcleo ou essência de nosso ser pertence ao passado, advogou Hall (1994 *apud* Keupp, 2013). No entanto, interessante, a ideia de *sameness* não contraria os conceitos de diferença e repetição dos (ex) psicanalistas Deleuze e Guattari.

Na avaliação de Frosh e Baraitser (2009), a psicanálise, fragmentada como é, apresenta posições controversas sobre a questão da identidade, ao mesmo tempo em que

¹ Ainda que a teoria de Erikson tenha sido reconhecida como magistral, ela também foi criticada por diferentes razões. Ver, por exemplo, Sokol (2009) e Peck (2018).

² “Indeed, in the social jungle of human existence, there is no feeling of being alive without a sense of ego identity” (Erikson, 1994, p. 95).

advoga pelo amplo reconhecimento de seu caráter plural e processual. Prepondera a visão da identidade como fluida e múltipla, embutida na compreensão de ideias inconscientes como variáveis, contraditórias e parciais, explicaram. O pensamento psicanalítico, afirmaram, permite conceituar os processos pelos quais pessoas se investem de identidades particulares, por exemplo, através de conexões emocionais com grupos sociais específicos.

O maior e mais interessante desafio para as teorias de identidade não vêm da clínica nem da teoria acadêmica, alertaram Frosh e Baraitser (2009), em linha com as ideias de Bauman e de Hall, mas do mundo “real” e suas mudanças tecnológicas como a Internet, a globalização, as guerras, os desastres naturais e as promessas biomédicas. O mundo real, em seu eterno processo de mudança, desloca e reposiciona o sujeito e transforma as formas de se pensar a identidade. Ao atualizar-se nesse contexto pós-moderno, a psicanálise reage de modos diferentes, afirmaram Frosh e Baraitser (2009). Alguns teóricos psicanalistas, esclareceram, se lançaram na direção de um pós-humano multifacetado, que corresponderia ao sujeito fragmentado e instável da pós-modernidade apontado por Hall, Bauman e outros. Esse sujeito, deslocado, seria o “pós-humano mediado tecnologicamente, fluido, ético, nômade, sujeito simultaneamente global e produzido localmente” (Bridotti, 2006 *apud* Frosh; Baraitser, 2009, p. 159), ideia que se alinha com as afirmações de Bauman sobre a questão da identidade em tempos de redes sociais. Em contraste com esse conceito, alguns psicanalistas tentaram resgatar um modernismo humanista que recusa o desconstrucionismo pregado pelos teóricos da linha anterior, segundo Frosh e Baraitser (2009). Isso pode ser visto no fascínio mostrado pelas ciências sociais, particularmente em suas variedades empíricas e terapêuticas, afirmaram. Segundo os autores, duas psicanalistas que seguiram nessa direção são Judith Butler e Jessica Benjamin. Segal (2007 *apud* Frosh; Baraitser, 2009) advogou que a teoria de Butler pode refletir um recuo, mas não deve ser entendida como retrocesso, pois exorta ao engajamento. O mesmo parece ser aplicável às ideias de Benjamin. Ambas insistem no significado da dependência e profundidade subjetiva, mesmo quando elas deslocam a fonte de significado para longe do indivíduo encerrado (Frosh; Baraitser, 2009). “One does not always stay intact. [...] despite one's best efforts, one is undone, in the face of the other” (Butler, 2004, p. 19).

Butler, com seu pensamento performativo, alimentou a ascensão da teoria *queer* tanto especificamente no domínio da sexualidade quanto na filosofia política, literatura, ética etc. Tendo se concentrado no tema identidade de gênero, inevitavelmente, trabalhou com o

conceito de identidade³. Assim como Bauman e Hall, entre outros, ela também entende a identidade como processo. Para clarificá-lo, usou a figura do transexual, cuja identidade, como a de qualquer indivíduo, está em vias de ser alcançada (*in-betweenness*, Butler, 1999, p. xi). Ademais, Butler questionou em que medida termos utilizados em discussões teóricas ou políticas podem ser precisos. Nem mesmo o termo mulher denota uma identidade comum entre seres humanos, argumentou. O gênero, exemplificou, é constituído de formas diferentes, nem sempre coerente ou consistentemente, em diferentes contextos históricos. Isso porque ele se entrecruza com modalidades étnicas, de classe, sexuais e regionais de identidades constituídas de forma discursiva (Butler, 1999), gerando várias interseccionalidades. A autora (1997 *apud* Frosh; Baraitser, 2009) referiu-se à teoria freudiana sobre a melancolia como uma forma de examinar a formação do gênero, voltando gradualmente para um espaço do que parece ser uma política de identidade. Para Butler tornar-se um Eu, construir uma identidade, é ser diferente de si mesmo e já ter se perdido múltiplas vezes através das relações com o Outro (Frosh; Baraitser, 2009).

Benjamin (2007), psicanalista que aborda a intersubjetividade se dedicou a explicar processos de identificação que permitem ao Eu e ao Outro manterem sua separatividade na ligação emocional. Nesse encontro, embora possa parecer que há uma fixidez da identidade, cada um seria si mesmo sem impedir uma ligação emocional e inconsciente com o Outro. O foco de Benjamin, conforme Frosh e Baraitser (2009), é a possibilidade oferecida pelos estados transitórios para que os sujeitos se encontrem num “lugar” terceiro. Nesse encontro se dissolveriam temporariamente os limites do Eu, que poderiam ser recuperados posteriormente – total ou parcialmente – de forma a manterem sua agência e sua interioridade, permitindo o reconhecimento do Outro como separado de si. A afirmação de uma identidade uniforme, afirmou Benjamin (2012), desvaloriza a existência do Outro. O reconhecimento é construído a partir da compreensão da alteridade contínua do Outro (Benjamin, 2012). Como explicaram Frosh e Baraitser (2009), para Benjamin o reconhecimento se baseia na absorção do Eu pelo Outro, assim como impede que o Outro seja colonizado pelo Eu. Levanta-se, assim, a possibilidade de se permitir a diferença, mas também de se apreciar a similaridade. Diferença implica passagem por algum processo no qual a subjetividade é aniquilada, negada ou modificada pelo outro; reconhecimento, por sua vez, implica que o sujeito sente o Outro como um semelhante que tem um centro distinto e separado de sentimento e percepção (Benjamin,

³ Ver *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1999)

2007). “A person comes to feel that ‘I am the doer who does [...]’ by being with another person who recognizes her acts, her feelings, her intentions, her existence, her experience” (Benjamin, 1988, p. 21).

Butler e Benjamin, a despeito de suas diferenças teóricas, convergem na busca de vestígios do pensamento relacional, em que as identidades são produzidas através de um certo tipo de luta com as exigências e promessas do Outro – um contínuo afã psicanalítico. Como já exposto anteriormente por Freud e Lacan, nós nos tornamos nós baseados nas semelhanças e similitudes, conceitos tematizados por Deleuze e Guattari (1994, p. 20), como se verá. “¡Haced Rizoma y no raíz [...] ¡No seáis uno ni múltiple, sed multiplicidades! ¡Haced la línea, no el punto! La velocidad transforma el punto en línea”.

Deleuze iniciou seu trabalho a partir de conceitos da psicanálise, mas terminou, por criticá-la e por estabelecer seu próprio campo de saber⁴. Mélló e Di Paolo (2007) consideraram Deleuze e Guattari essenciais para a inovação contemporânea do posicionamento filosófico do indivíduo, agora alocado em uma constante instabilidade criativa dentro de redes discursivas, instabilidade essa que tanto possibilita a experiência de si mesmo quanto a diversidade de seu devir na construção da identidade.

Deleuze e Guattari escreveram obras seminais como *O Anti-Édipo* (1972) e *Mil platôs* (1980). Nessa segunda obra, detalharam o conceito de “rizoma” como abordagem epistemológica, o de “dobra” como parte do processo de subjetivação, assim como a “diferença” e a “repetição”, na discussão dos processos de construção da identidade.

Para entender-se o conceito de rizoma, sua importância epistemológica e seu valor para a reflexão sobre a identidade, há de se contemplar primeiramente o modelo epistemológico tradicional ocidental, cartesiano e pivotal, em sua estrutura arbórea, explicaram Deleuze e Guattari em *Mil platôs*⁵. Começando num ponto – única raiz – o pensamento cresce numa determinada direção, com aspectos que são fundamentais, na base, e outros derivados, nos ramos (Larrauri, 2017). Se a árvore é filiação, o rizoma é aliança. Pode-se descrever um rizoma como um conjunto de linhas, nódulos de conexão e brotos que surgem desses nódulos, como se vê nas gramíneas (Deleuze; Guattari, 1994). Formado de linhas e nódulos que se conectam e não se deixam ver de fora, normalmente subterrâneo, o rizoma funciona como raiz para um conjunto de plantas. A mesma imagem representaria o

⁴ Teoria a que chamaram de “esquizoanálise” e que enfatiza a desconstrução do inconsciente freudiano e do complexo de Édipo (Watson, 2008).

⁵ Para os autores, a imagem se aplica não só à epistemologia, mas também ao pensamento ocidental em geral, marcado pela verticalidade, *top-down*, ancorada a um determinado ponto.

processo de formação da identidade. Os autores usavam repetidamente o termo rizoma “para expressar um plano de possibilidades de variações infinitas, de devires, de acontecimentos, que ultrapassam tempos e lugares” (Méllo; Di Paolo, 2007, p. 138).

No que diz respeito à construção da identidade, podem-se destacar três princípios do modelo rizomático que são a ele aplicáveis: conectividade, heterogeneidade e multiplicidade. Os dois primeiros são indissociáveis. Conectividade implica que qualquer ponto de um rizoma pode e deve ser conectado a qualquer outro dele mesmo ou de outro. Heterogeneidade aponta para o fato de o rizoma conectar-se de forma heterogênea com cadeias ou redes as mais diversas, efetuando, ao crescer, um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Multiplicidade, por sua vez, é a característica básica do rizoma que, feito de linhas, se desassocia efetivamente de tudo que é uno. À medida que aumenta suas conexões, a multiplicidade muda necessariamente de natureza. “As leis de combinação crescem então com a multiplicidade” (Deleuze; Guattari, 1994, p. 5). O mesmo passaria no processo de construção da identidade.

Outros conceitos básicos de Deleuze e Guattari que contribuem para pensar o processo de construção de identidade são repetição e diferença. Identidades são feitas de diferenças e repetições. A diferença alude ao movimento, a como as coisas mudam com o tempo (Waller, 2018). A repetição, por sua vez, contribui para a generalização, estratégia cognitiva de se captar o mundo e a distinção que engendra a cada repetição. Sequer dois grãos de pó são absolutamente idênticos.

Méllo e Di Paolo (2007) explicaram que Deleuze, referindo-se aos processos de subjetivação, elaborou a noção de “dobra”. Esse termo, emprestado da técnica de origami, remete às relações, reguladas por saberes e poderes, que a pessoa traz consigo, onde se interconectam aspectos das relações com os outros, o “fora”. O origami, em movimento, revela um número infinito de formas sobre um número finito de pedaços de papel dobrável. O que está em questão no rizoma, assim como na construção da identidade, é a relação com devires múltiplos (Zourabichvili; Goldstein, 2004). Por ser feito de puro fluxo, de devir, de uma invenção constante do desejo, o sujeito se constrói descentrado. Assim, diferença e repetição assumem o lugar da identidade e da contradição. “Identidades são apenas simulações, efeitos óticos do jogo profundo entre diferença e repetição” (Deleuze, 2014, p. XV). Pensar na evolução das espécies, em seres que se desenvolvem de monocelulares até mamíferos, ajuda a entender como a repetição é o espaço para o estabelecimento de diferenças. Assim como a repetição e diferença modelam a evolução, também modelam a

construção ininterrupta da identidade. Afinal, as diferenças entre as repetições é que criam a possibilidade da novidade, ensinaram Deleuze e Guattari.

A teoria psicanalítica é um corpo de conhecimento em contínua evolução. Por ser tão vasta, ultrapassa o escopo desse texto, onde se trabalhou uma parte de sua valiosa contribuição para o entendimento psicanalítico do conceito identidade. A escolha não foi, entretanto, aleatória, mas pautada na busca de ideias de autores fundamentais para a discussão psicanalítica da identidade, cujas contribuições serão rizomaticamente conciliadas com autores que beberam de outras fontes teóricas. De todo modo, vale ressaltar aqui o parecer de Frosh e Baraitser (2009). Para esses autores, seja Freud ou outra psicanalista posterior a ele, não se contestou até hoje a premissa de que o sujeito humano não é o centro da consciência, como postulado por Freud no último milênio. O Eu e todas as suas reivindicações de fixidez – entre elas, a identidade – são em grande parte fictícias, construídas retroativamente para cobrir um núcleo não instável.

HALL E A CRISE DA IDENTIDADE

Stuart Hall (1932-2014) dedicou parte significativa de seu trabalho à discussão sobre o conceito de identidade (com destaque para a identidade cultural), suas limitações e importância em tempos atuais – aos quais ele se refere como modernidade tardia (Hall, 2006a). Hall partiu da constatação de que, devido à complexidade da pós-modernidade e da globalização, os conceitos tradicionais de identidade não são mais adequados. A identidade está em crise, afirmou (Hall, 1992). A desconstrução desse conceito de identidade vem sendo feita em diferentes áreas disciplinares, geralmente criticando-se a ideia de uma integralidade. Essa desconstrução se desenvolve dentro do discurso analítico e sob a influência do feminismo e da crítica cultural, afirmou Hall (2000), em concordância, *inter alia*, com Bauman (2004), Coutinho *et al.* (2007) e Benjamin (2012).

Na modernidade, as pessoas não são somente membros de uma nação, senão de uma raça, de um gênero etc. Cada uma dessas afiliações descreve algum aspecto de sua existência (Tilio, 2004). Ocorreu uma “fragmenting the cultural landscapes of class, gender, sexuality, ethnicity, race, and nationality which gave us locations as social individual” (Hall, 2006b, p. 9). “Paisagens” são alusões aos quadros de referência que davam ao indivíduo a sensação de pertencimento a um universo centrado (Pereira, 2004). Identidades que se baseiem em

quadros são apenas construtos sociais que emergem das várias práticas sociais e discursivas das quais o indivíduo faz parte (Tilio, 2009).

As atribuições fixas da identidade vêm se atenuando, sobretudo, devido à globalização, e o sujeito, não encontrando nelas um firme domínio identitário, termina por experimentar um deslocamento (Unterberger-Probst, 2008). Tais mudanças levam à perda de um “senso de si”, integral e estável, deslocando os indivíduos do seu lugar, tanto no mundo social como no mundo cultural (Hall, 2006b).

Para Hall o processo que levou à crise da identidade vem medrando desde o estabelecimento do indivíduo como uma entidade autônoma na Era das Luzes, afirmou Pereira (2004). Unterberger-Probst (2008), por outro lado, afirmou que a chamada crise de identidade se iniciou na modernidade industrial. Marx, explicou a autora, já postulava que o ambiente da produção industrial, em constante transformação, atenuava as relações sociais e as tornava obsoletas. (“Tudo o que é sólido se desmancha no ar”)⁶. Para Marx, acrescentou, a ideia de identidade humana era dependente das condições econômicas nas quais o sujeito se insere. O que proporcionaria mudanças históricas ou progresso não é o indivíduo, mas as relações de produção, quer dizer, as interações entre capital e trabalho. A vontade humana desempenha um papel subordinado (Supik, 2005). À medida que a sociedade moderna, devido a inúmeras transformações econômicas e políticas, vai se tornando mais complexa, coletiva e social, o ser humano, por estar inserido nessas novas estruturas sociais, tem também que modificar sua identidade (Poletto; Kreutz, 2014).

Esclarecendo o desenvolvimento e a atual crise da identidade, Hall (2006a) teceu considerações sobre três concepções de identidade que permeiam o sujeito desde o século XVI, que seriam os pilares estruturantes desse processo (Poletto; Kreutz, 2014).

A primeira concepção desses sujeitos/identidades, que é a do Iluminismo. O indivíduo seria centrado, unificado e dotado de razão, consciência e ação (Bittencourt, 2014; Poletto; Kreutz, 2014). Seu “cerne”, núcleo interior e atomizado (Bittencourt, 2014), permaneceria por toda sua existência sem perder sua essência (Poletto; Kreutz, 2014). Ele seria como uma “identidade mestre”, nas palavras de Hall (2006b). A identidade iluminista, segundo Hall, é cartesiana, gerou a si mesmo (*cogito, ergo sum*), derivou seu pensamento e ação de sua própria razão, a partir da análise do mundo e, portanto, é intelectualmente autônoma (Unterberger-Probst, 2008; Bittencourt, 2014). A bipolaridade (pensamento *versus*

⁶ Frase do Manifesto Comunista de Marx e Engels de 1848.

materialidade) do cartesianismo não indicava, entretanto, um descentramento. Ao contrário, firmava o lugar do homem moderno cuja identidade é centrada na consciência de si mesmo (Pereira, 2004). Ao rejeitar a visão teocêntrica medieval, o indivíduo colocou a si próprio no centro. Nesse processo de autocriação, percebe-se um entendimento muito individualista do sujeito e de sua identidade (lembrando aqui que os sujeitos do Iluminismo eram geralmente descritos como masculinos, segundo Hall (2006b)). A conquista da autonomia era considerada essencial para que o ser humano pudesse atingir o estado de maioridade, isto é, um estágio de consciência no qual já não se deixa reger por discursos externos (Bittencourt, 2014). Como explicou Noack (2006), o ideal de unidade e de imutabilidade da identidade ganhou força e normalidade com o advento da burguesia. Essa identidade iluminista vem, obviamente, lapidada pelo *Zeitgeist*. De fato, a despeito de sua pretensão universalista, o ideário iluminista pressupunha o poder emancipador dos povos europeus, que serviu justifica a dominação política, econômica e cultural destes sobre o resto do mundo (Bittencourt, 2014).

O segundo conceito de identidade apresentada por Hall (2006b) é o sujeito sociológico, nascido com o advento da modernidade. Esse sujeito já não era mais independente como supostamente o iluminista havia sido (Poletto; Kreutz, 2014). Ainda que buscasse um núcleo essencial que o definira, ele ia além da centralidade da razão por focalizar as relações sociais como força essencial de construção e transformação do Eu (Mélio; Di Paolo, 2007). A noção de sujeito sociológico acompanhava a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o propagado cerne do sujeito não era, de fato, nem autônomo nem autossuficiente, mas sim, formado na relação com os Outros, que mediavam os valores, significados e símbolos dos mundos em que esse sujeito estava inserido⁷. A construção das identidades aqui é socialmente negociada e “saturada” (Hall, 2006a). A identidade passou a ser entendida como fragmentada. O processo de identificação tornou-se aberto, indeterminado, variável e problemático (Hall, 1992; Hall, 1996; Unterberger-Probst, 2008). O sujeito fragmentado não tem um núcleo interno, é ciente de suas identidades multicamadas (Unterberger-Probst, 2008). A fragmentação da identidade levou ao “desencaixe”, a um “eu jamais acabado”, transitório⁸.

Esse novo aspecto dinâmico e interativo do processo de formação da identidade levou ao terceiro sujeito apresentado por Hall, o pós-moderno, conceituado como não fixo, não

⁷ Ideia em linha com os conceitos de psicogênese e sociogênese, de Norbert Elias em *O processo da civilização* (*Über den Prozess der Zivilisation*, 2010)

⁸ Segundo Tilio (2009), os termos aqui usados foram forjados por Giddens (1990, “desencaixe”), Sennett (1999, “Eu jamais acabado”) e Bauman (1998, “transitório”).

essencial e não permanente. A identidade tornou-se uma “*move able feast*” (Hall, 1992, p. 271)⁹. Hall advogou que a identidade é historicamente definida e se modifica ininterruptamente nas formas em que somos representados e tratados nos sistemas culturais em que nos inserimos. A compreensão do sujeito passa a ser inconcebível sem o enquadramento específico do contexto cultural (Keupp, 2013). Essas formas se multiplicam nos tempos pós-modernos, confrontando-nos com uma multiplicidade de possíveis identidades, com as quais só nos identificamos temporariamente (Hall, 1992). Identidades diferentes, engendradas em tempos diferentes, não se unificam em torno de um Eu coerente. Às vezes contraditórias dentro de nós, elas nos puxam em diferentes direções e se deslocam constantemente. Nenhuma única identidade – seja a racial, de classe social etc. – é capaz de compreender todas as diferentes identidades. A pessoa pós-moderna já não identifica seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe ou etnia. Às vezes, os diversos interesses sociais e identidades de um indivíduo sequer podem ser reconciliados e representados (Hall, 1992)¹⁰. Se sentimos que temos uma identidade unificada, que se desdobra ao longo da vida, é porque construímos uma história reconfortante, uma “narrativa do eu” sobre nós mesmos (Hall, 2006b). “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (Hall, 1992, p. 8). Assim, a identidade unificada, concluída, estável e coerente é uma fantasia. Com tantas características transitórias e fluidas, o sujeito pós-moderno acabou por fomentar o debate em torno da crise de identidade (Poletto; Kreutz, 2014). A experiência ética da pós-modernidade trouxe a dissolução da imposição da permanência do sujeito centralizado (Bittencourt, 2014).

Não há mais narrativas totalizantes que enquadrem o sujeito como um todo em uma identidade Bittencourt (2014). A identidade pós-moderna é constituída por “significantes flutuantes”, isto é, significa diferentes coisas em diferentes épocas e lugares, afirmou Sovik (2011, p. 6), em linha com Butler (1999)¹¹. As palavras não têm um significado definitivo, afirmou Pereira (2021). O que existe são disputas pelos conteúdos sociais, sentidos e

⁹ *Move able feast*: celebração móvel (Tradução livre da pesquisadora). Expressão que se tornou popular por ter sido usada por Ernest Hemingway para dar título a seu livro de 1964.

¹⁰ Somem-se a esse aspecto referido por Hall as facetas de identidades roubadas ou mutiladas, por assim dizer, como em casos de migração forçada ou de necessidade de se modular a identidade como estratégia de sobrevivência social, financeira ou política.

¹¹ A noção de significante flutuante foi proposta por Ernesto Laclau, que discutiu a não fixação de conceitos introduzida por uma pluralidade de discursos que se interpelam e interrompem e encontrou ressonância em vários estudiosos pós-modernos (Hall, 1996).

significados. No cerne dessa questão, está a relação entre desconstrução de conceitos e reconstrução do conhecimento - por exemplo, do conceito de identidade.

Concomitantemente à discussão sobre a crise da identidade, Hall sempre ressaltou a irreduzível importância cultural e política da identidade (Ang, 2000; Pereira, 2004). Embora na pós-modernidade esteja teórica e claramente demonstrado que a identidade é uma invenção e não um fato natural, um processo e não algo fixo, no cotidiano, ela continua a ser discutida e sentida profundamente como algo natural (Pereira, 2004). Esse lapso entre a teoria e a experiência aponta para a irreduzibilidade da identidade como um conceito operacional que, ainda que não possa ser mais pensado como anteriormente, é indispensável para se refletir e discutir questões-chaves na teoria e na experiência cotidiana. Para Hall (1992), a premência de se revisar o conceito de identidade se deve aos descentramentos sofridos pelo sujeito sociológico. Esses descentramentos derivam de cinco contribuições teóricas que abalaram os alicerces dos conhecimentos acumulados ao longo do processo civilizatório, levando à morte do sujeito moderno (Poletto; Kreutz, 2014).

O primeiro descentramento foi causado pelo pensamento marxista, segundo o qual nenhum indivíduo isolado é capaz de qualquer construção histórica, pois as pessoas só fazem história a partir de condições que lhes são dadas previamente¹².

O segundo descentramento foi a teoria de Freud e seu entendimento da identidade como móvel (Unterberger-Probst, 2008; Poletto; Kreutz, 2014). Freud – juntamente com Copérnico e Darwin – revolucionou a maneira do ser humano ver a si mesmo no universo¹³.

O terceiro descentramento foi provocado pela teoria de F. Saussure, que advogou ser a linguagem uma estrutura socialmente construída que precede nossa existência (Hall, 1992). Ancorada no sistema de regras da memória da comunidade social, ela está acima da fala individual (Unterberger-Probst, 2008); por conseguinte, sempre falamos através de termos que não são nossos, replicando princípios através de nossos atos de fala (Hall, 1994 *apud* Unterberger-Probst, 2008). “Não somos os autores das afirmações que fazemos, uma vez que toda afirmação carrega ecos dos nossos significados e de muitos outros, pois o que dizemos tem um ‘antes’ e um ‘depois’” (Poletto; Kreutz, 2014, p. 2001).

O quarto descentramento está associado ao trabalho de M. Foucault, que postulava que os sujeitos, seus modos de ser e agir, são produto das instituições coletivas da modernidade

¹² As tradições do pensamento marxista revelaram diferentes interpretações do trabalho de Marx, evidenciando contradições e levantando questionamentos sobre as posições do sujeito na sociedade (Poletto; Kreutz, 2014).

¹³ Reflexão apresentada na introdução do filme *Freud, Além da Alma* (1962).

tardia – fábricas, quartéis, escolas, prisões, clínicas etc. (Hall, 1992; Poletto; Kreutz, 2014) que, tendo surgido no século XIX, com poderes disciplinares, controlam todas as dimensões da vida humana (Pereira, 2004; Unterberger-Probst, 2008).

O quinto descentramento, por sua vez, foi causado pelo feminismo (Hall, 1992). Os movimentos feministas promoveram o enfraquecimento da classe política e das organizações políticas de massa a ela associadas (Pereira, 2004). O mesmo sucedeu com outros movimentos sociais que emergiram e marcaram os anos 1960 (Ang, 2000; Poletto; Kreutz, 2014). A força de descentramento do feminismo, segundo Badinter (2005), se deveu à sua crítica teórica e movimento social contra a misoginia e os meios de vida sexistas, o que levou a contestação política de elementos anteriormente considerados como pertencentes somente à vida privada — como a dominação dos sexos, o trabalho doméstico e o cuidado com as crianças (Pereira, 2004). Com o tempo, os movimentos sociais dos anos 1960 se fragmentaram, de modo que cada um passou a apelar para uma identidade social diretamente associada a seus componentes (Pereira, 2004; Poletto; Kreutz, 2014).

Esses cinco descentramentos evidenciaram a crise da identidade, engendrada pelo deslocamento de estruturas e processos fundamentais das sociedades, um processo que minou as estruturas que haviam construído esse conceito (Hall, 2006a). Laclau foi o primeiro teórico a usar o conceito deslocamento (Hall, 2006b). Posteriormente, muitos autores – como E. Said, Bauman, Saussure – buscaram explicar a natureza das mudanças sofridas pelo mundo moderno, enfatizando descontinuidades, fragmentações, rompimentos e deslocamentos (Hall, 2006b). Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro foi descentrado e substituído por múltiplos centros de poder (Laclau, 1990 *apud* Hall, 2006b), algo comparável a um rizoma. Para muitos desses teóricos, explanou Hall (2006b), o fenômeno que provocou o maior impacto do mundo contemporâneo é a globalização.

A globalização, para além dos cinco descentramentos explanados, alterou profundamente os modos de vida pós-modernos de maneira sem precedentes¹⁴. As transformações foram tão profundas que chegaram a alterar algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (Giddens, 1990 *apud* Hall, 1992).

Na pós-modernidade, identidade deve ser entendida como uma articulação exitosa de múltiplas identidades, uma amarração do sujeito dentro do fluxo do discurso que lhe dá

¹⁴Outros fatores, até o momento pouco teorizados nos estudos sobre identidade, mas que poderão vir a ser mais causas de deslocamento são a crescente digitalização, acentuada pela pandemia do COVID-19, a inteligência artificial e a perspectiva dos trans humanoids criados pela biotecnologia.

sentido (Hall, 1997). A noção de uma sutura eficaz do sujeito requer que esse invista na posição. Segundo Hall (1992), identidades são posições que o sujeito é obrigado a tomar, mesmo sabendo que elas são apenas representações¹⁵. Elas são construídas através da falta, da divisão, do lugar do Outro. A identidade modifica-se, então, de acordo com a forma como o sujeito é abordado ou representado. A sutura das identidades no sujeito deve ser entendida como uma articulação, não como um processo unilateral, o que, por sua vez, coloca a identificação/as identidades firmemente na agenda teórica. “O próprio processo de identificação, através do qual nós nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (Hall, 1997, p. 2).

As identidades, que podem até ser contraditórias, operam tanto dentro da cabeça do indivíduo como na sociedade, onde se entrecruzam em circunscrições estabelecidas. Dentro e fora da cabeça, elas se interpelam e/ou deslocam umas às outras. O processo de fragmentação/pluralização das identidades traz muitas consequências, inclusive políticas (Hall, 1992). Dada a fragmentação da “identidade mestre”, as paisagens políticas do mundo pós-moderno vêm provocando deslocamentos e competições entre as múltiplas identificações dos indivíduos. Isso resulta sobretudo da erosão das classes e da emergência de novas identidades no terreno político definidas pelos movimentos sociais como feministas, negras, nacionalistas, ecológicas e LGBTQ+ (Mercer, 1990 *apud* Hall, 2006b). Em suma, a identidade se politizou (Hall, 2006b) e sua crise atual deve ser compreendida no contexto amplo de deslocamento e de fragmentação do indivíduo pós-moderno. O próprio indivíduo passou a tratar a crise da identidade como algo passível de assimilação e compreensão. “Ao se auto conceber como descentrado, o indivíduo encontra uma firmeza, ainda que paradoxal, acerca de sua própria crise identitária” (Pereira, 2004, p. 89).

Não obstante o valor seminal das ideias de Hall, o autor deu continuidade a duas noções problemáticas, criticaram Mélo e Di Paolo (2007). A primeira noção, explanaram, foi não romper com a dicotomia entre o ser humano (sujeito) e o mundo (objeto) herdada do Iluminismo. Tal dicotomia só faria sentido se fosse possível separar indivíduo e sociedade, explanaram. O segundo equívoco de Hall seria usar o termo “pós-moderno”, que eles preferem substituir por modernidade reflexiva. “A crítica em torno da noção de pós-modernidade [...] se refere à não-superação da ‘reflexão’ sobre si, que o ser humano herdou

¹⁵Essa ideia se assemelha a de “Habitus” Bourdieu (1930-2002) e a de performance de Butler.

do Iluminismo” (Méllo; Di Paolo, 2007, p. 134). As críticas, entretanto, não diminuem o valor das ideias de Hall, mas exortam a discuti-las mais e melhor.

BAUMAN E A IDENTIDADE LÍQUIDA

Zygmunt Bauman (1925-2017) é um dos críticos mais lúcidos e céticos do atual *Zeitgeist* (Vecchi, 2004)¹⁶. Abordando globalização e (pós)modernidade, ele refletiu repetidamente sobre a identidade, conceito que considerava essencial para se entenderem as transformações atuais da vida social. Em consonância com Hall (2000), Eickelpasch e Rademacher (2013) e Noack (2006), Bauman (2004, p. 1) assertou que nas últimas décadas há uma “explosão discursiva” em torno do conceito de identidade. Questões que já haviam sido estabelecidas na análise social estão sendo reelaboradas e remodeladas para se adequar ao discurso que agora gira em torno do eixo “identidade”, afirmou Kaufmann (2005 *apud* Hoffmann, 2008), em linha com Bauman (2004). Atualmente, afirmou Bauman, em concordância com Cohen e Süß (2015), além de identidade ser uma palavra recorrente no senso comum, nenhum outro aspecto da vida contemporânea parece atrair a mesma atenção de filósofos, cientistas sociais, literatos e psicólogos.

Além dos estudos sobre identidade terem se tornado rapidamente uma indústria próspera por direito próprio, afirmou Bauman (2004), a “identidade” se tornou um prisma através do qual outros aspectos da vida contemporânea são vistos, apreendidos e examinados. Assim como Hall, Bauman (2011) ponderou ser a globalização a grande força sintetizadora da mudança de postura dos humanos em relação às suas identidades¹⁷. A modernidade líquida, advogou (Bauman, 2011), adaptou as qualidades algo desumanas da era digital e as qualidades multifacetadas resultantes da globalização, mudando radicalmente o significado da identidade ao acrescentar-lhe novas “camadas”.

A ideia de identidade decorre da necessidade de elementos balizadores, ou seja, um senso de pertencimento e segurança (Bauman, 2004; Keupp, 2013). A pessoa tem a necessidade – ou a criam para ela – de se organizar, se situar e se identificar em relação aos

¹⁶Para Bauman, ambos os termos “modernidade” e “pós-modernidade” não mais descrevem devidamente as constantes mudanças na sociologia. Para atualizá-los, expondo o estado impermanente, dinâmico, altamente adaptável e em constante mudança da sociedade atual, cunhou o termo “modernidade líquida”. Outros autores, segundo Eickelpasch e Rademacher (2004) se referiram ao mesmo período usando termos como “modernidade tardia”, “segunda modernidade” ou “sociedade de riscos”.

¹⁷Outros aspectos do pensamento de Bauman que mantêm uma relação intertextual com Hall são a preocupação com a identidade nacional e as duas reações antagônicas das nações diante do processo de globalização que levariam à erosão da soberania nacional (Bauman, 2004, 2005.)

outros (Silva, 2014). A satisfação dessa necessidade não está “garantida ontologicamente”; o sujeito está, então, sempre em busca de satisfazê-la (Keupp, 2013, p. 2).

Na modernidade líquida, a identidade se tornou uma tarefa como nunca fora anteriormente, quando pertencer era uma predestinação (Keupp, 2013). Antes da globalização, as pessoas costumavam se identificar com seus vizinhos imediatos, com o “bairro” onde viviam e a que pertenciam (Bauman, 2004)¹⁸. Pertencia-se por nascimento. A desintegração lenta dos “bairros”, a revolução dos transportes, o desenvolvimento da infraestrutura e as tecnologias de comunicação facilitaram a movimentação entre “bairros”, pois viabilizou-se o viajar facilmente para longe de casa e, conseqüentemente, engendrou-se o problema-pergunta sobre a identidade. A isso se acrescentou o advento dos grupos mediados eletronicamente, que sequer necessitam de proximidade física para se falar de pertença ou identidade (Bauman, 2001). Por ser uma substituta da comunidade – alegado lar natural não mais disponível no mundo globalizado – a identidade atrai atenção e paixões, explanou Young (1999 *apud* Bauman, 2001). Por isso ela é como um abrigo acolhedor de segurança e confiança que as pessoas tanto desejam (Bauman, 2001).

Com o mundo se transformando tão rápido, já não se pode confiar em referências que proclamam durabilidade e infinitude. Afiliações sociais como gênero e classe, por exemplo, tornam-se cada vez menos importantes na construção *ad aeternum* da identidade, exortou Bauman (2004) em concordância com Hall (1992 e 2006a), Poletto e Kreutz (2014) e Unterberger-Probst (2008). O capitalismo vem mercantilizando todas as áreas da vida, alterando os requisitos de mobilidade, as dinâmicas do mercado de trabalho, as dependências educativas etc. (Eickelpasch; Rademacher, 2013). Anteriormente, categorias como classe e gênero pareciam naturais, e à maioria dos indivíduos cabia simplesmente encaixar-se no nicho alocado através de um comportamento semelhante ao de seus pares (Bauman, 2001)¹⁹. Agora percursos e situações de vida do indivíduo parecem liberá-lo de laços de familiares, de classe, de profissão, vizinhança e relações de gênero. Por exemplo, com o declínio do emprego remunerado e a fragmentação das biografias de emprego, as ocupações vêm perdendo seu significado de âncora da identidade. A complexidade se tornou maior, pois os locais tradicionalmente investidos de sentimento de pertença (como emprego, família, vizinhança) não são mais tão confiáveis, tornando-se, por conseguinte, incapazes de matar a sede por conexão (Bauman, 2001). “Once identity loss the social anchors that made it look natural,

¹⁸Entenda-se “bairro” como feudo, família estendida, comunidade ou microsociedades (Bauman, 2004, p. 23).

¹⁹Essa ideia corresponde ao conceito de “quadros de referência” sugerido por Pereira (2004).

predetermined and non-negotiable, identity becomes ever more important for the individual desperately seeking a ‘we’ to which they maid bid for access” (Bauman, 2004, p. 24).

Segundo Keupp (2013b), a identidade forma, entre o mundo interno e o externo, uma dobradiça autorreflexiva, revelando assim um caráter dual num espaço de compromisso entre a própria vontade e a adaptação. Ela deve tornar o indivíduo inconfundivelmente individual e, ao mesmo tempo, socialmente aceitável e representativo. Uma pessoa não só passa toda a vida redefinindo-se, descobrindo o que ser, mas também precisa manter a relevância desse ser, tem que estar atenta para mudar rapidamente sua identidade, caso ela perca sua relevância (Eickelpasch; Rademacher, 2013; Bauman, 2011). Assim, para esses autores, o que se ganha em termos de escolhas e opções para moldar a própria vida, se perde em termos de segurança coletiva e de pertencimento.

De fato, Bauman (2004) sugeriu que, na modernidade líquida, a identidade segue ligada à ideia de se pertencer, porém, pertencer a muitos lugares e a nenhum lugar ao mesmo tempo. Uma pessoa poderia chegar a se sentir em casa (*chez soi*) em qualquer lugar, mas isso não deixaria de ser uma situação superficial e bastante fluida. Ademais, na contramão dos sentimentos, o preço a ser pago seria aceitar que nunca se estará completamente em casa em nenhum lugar, que se estará sempre “deslocado” (*disembedded*), uma experiência que pode ser desconfortável e perturbadora (Bauman, 2001, 2004)²⁰. Por vivenciarem várias comunidades no decorrer da vida e estarem “multiculturalmente” expostos à globalização, os indivíduos da modernidade líquida experimentam muitas identidades, explicou Bauman (2011). Em linha, Moresco e Ribeiro (2015) afirmaram que a identidade se constitui a partir de diversas representações e significações híbridas, resultantes de várias vozes e histórias ressonantes. O indivíduo se tornou construtor do seu Eu e tem que reunir sua “biografia eletiva” e “*design* existencial” pessoais a partir dos “kits de possibilidades de combinação biográfica” (Bauman, 2007, p. 243). Esses, assim como as ofertas de estilos de vida e identidade socialmente disponíveis, mediados sobretudo pelos meios de comunicação e cultura popular, são institucionalmente prescritos (Kellner; Heubeger, 1988 *apud* Eickelpasch; Rademacher, 2013).

Num mundo globalizado, as possibilidades de forma de vida multiplicam-se, aumentando a complexidade da criação da identidade (Eickelpasch; Rademacher, 2013;

²⁰Disembedding: “In sociology, a process associated with modernization in which social relations have become increasingly spread across time and space, associated with a decline in traditional social ties” (Chandler; Munday, 2016).

Bauman, 2011). Por isso, falar-se de identificação em vez de identidade, advogou Bauman (2004), seria o mais pragmático em nossos tempos. A busca frenética por identidade, explicou, é um efeito colateral e, ao mesmo tempo, subproduto da combinação de pressões globalizantes e individualizantes e das tensões que elas geram (Bauman, 2001).

Apesar de sua irrefutável dimensão individual, a questão da identidade é uma convenção socialmente necessária, do ponto de vista de Bauman (2004). Este não é um assunto privado, mas um produto da sociedade e da “socialidade” que, por sua vez, depende do processo de individualização. A dimensão individual, explicou, consiste em transformar a identidade de um fato dado em uma tarefa e exigir que cada indivíduo seja responsável não só pela execução dessa tarefa (Bauman, 2004), mas também de suas consequências – inclusive seus efeitos colaterais – e de seu desempenho. Trata-se de uma atividade sem fim, incompleta, inacabada e aberta, uma atividade na qual todos nós, por necessidade ou por escolha, estamos permanentemente engajados numa espécie de experimentação sem fim.

Bauman (2004, 2011) considerou que a identidade é uma auto tematização interna do sujeito que busca, basicamente, respostas para três perguntas: Quem sou eu? O que eu quero e posso ser? Onde está meu lugar na sociedade? Além disso, o autor (2004) se refere à construção da identidade como um quebra-cabeças. A metáfora funciona da seguinte maneira: assim como o quebra-cabeça, a identidade seria formada por peças, ou ainda, pedaços. Tal quebra-cabeça seria sempre incompleto e haveria lacunas em que nenhuma peça se encaixaria. Além disso, o construtor da identidade não partiria de uma imagem final, mas de uma série de bocados que obteve. Posteriormente o construtor tentaria descobrir como pode combiná-los para obter algumas (quantas?) imagens adequadas (Bauman, 2004). De fato, bricolagem poderia ser um termo mais adequado, pois Bauman argumentou que o quebra-cabeça da identidade seria sempre construído com todo tipo de materiais disponíveis à mão (vivências, influências, conhecimentos, traços da biografia etc.). Metáfora semelhante a essa é o conceito de identidade de *patchwork*, usado por Eickelpasch e Rademacher (2013) e por Keupp (2009 *apud* Orde, 2016). Bricolagem, *patchwork* ou camaleão, de tempos em tempos, exortou Oliveira (2012), o sujeito poderia se assustar diante do Frankenstein no qual vê refletido o próprio no espelho do tempo.

Com o devido respeito à magistralidade de Bauman, deve-se manter em mente que sua perspectiva teórica tem um caráter ocidental que nem se aplica a qualquer cenário social ou político nem é aplicável de forma homogênea nos diversos cenários do mundo, uma vez que o impacto da globalização tampouco é mundialmente uniforme. Além disso, alertou Dua

(2021), Bauman parece superestimar a fluidez e a flexibilidade da identidade. Indivíduos e sistemas sociais, explicou, não mudam tão rapidamente como a tecnologia.

IDENTIDADES SÃO RIZOMAS

Identidade, do ponto de vista histórico e etimológico, deveria referir-se à unidade, coerência e continuidade, conceitos que na pós-modernidade perderam sua força, tornando o conceito vazio (Noack, 2006). Mas como ainda não existe outro mais apropriado que o substitua, não há alternativa senão seguir usando-o, contanto que de forma desconstruída e deslocado de seu paradigma original (Hall, 1996). Como discutido por Hall e Bauman, a identidade não é um núcleo estável do Eu, que se desdobra do início ao fim através de todas as vicissitudes da história. Ela é um processo dinâmico e mutável que passa por vários níveis ao longo da vida do indivíduo, nutrindo-se de suas vivências, envolvendo comportamentos cognitivos, materiais e atos de investimento emocional (Mourão; Cavalcante, 2007).

Uma das principais aprendizagens que se obtém da leitura de Bauman é que é impossível que qualquer modelo baseado em um único fator seja capaz de dar conta de todas as complexidades envolvidas. A identidade líquida é experimental, tem natureza inatingível e ambivalente (Bauman, 2004). A complexidade do conceito aumenta se se aceita a premissa de que um indivíduo pode ter identidades múltiplas, sobrepostas, multidimensionais e até contrárias (Hall, 1992). De fato, indivíduos são rizomas. Interseccionais, as pessoas vêm de uma determinada etnia, pertencem a uma classe social, um gênero, uma profissão, uma nacionalidade, participam ou não de uma determinada confissão religiosa ou de um partido político, migram etc. Todas essas identidades devem ser percebidas não como camadas, mas como soma de elementos que articulam, sobrepõem, interrogam e interceptam diferentes “posições” (Louro, 1997 *apud* Tilio, 2004).

Identidades se constroem em interações sociais com o Outro, em contextos sociais de troca (Cuche, 1999 *apud* Tilio, 2004). Assim como as interações, elas são passíveis de reconstrução e transformação. São estabelecidas por meio da narrativa de si mesmo, um trabalho psíquico que permite manter o fio condutor da biografia das várias facetas e fraturas dessa biografia (Kaufmann, 2005 *apud* Hoffmann, 2008).

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame A. **The lies that bind: rethinking identity**. Londres: Profile Books, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **A vida fragmentada**: ensaios sobre a moral pós-moderna. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista exclusiva Zygmunt Bauman. [Entrevista cedida a] CPFL Energia e Fronteiras do Pensamento. **Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais – Npec**, 28 nov. 2011a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM>. Acesso em: 27 ago. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Identity**: conversations with Benedetto Vecchi. Cambridge: Polity Press, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Identity in the globalizing world. **Social Anthropology**. Cambridge, Cambridge University Press, v. 9, n. 2, p. 121-129, 2001. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/social-anthropology/article/abs/identity-in-the-globalising-world/BBB61FE95A39B6CAAB3F90549B9401E1>. Acesso em: 2 abr. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. Migration and identities in the globalized world. **Philosophy & Social Criticism**, Sage Journals online, Thousand Oaks: USA, v. 37, n. 4, p. 425-435, maio 2011b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258180622_Migration_and_identities_in_the_globalized_world. Acesso em: 27 fev. 2023.

BENJAMIN, Jessica. Intersubjectivity, recognition and the third: a comment on Judith Butler. In: RICKEN, Norbert; BALZER, Nicole (orgs.). **Judith Butler**: Pädagogische Lektüren. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2012. p. 283-301. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321562300_Judith_Butler_Padagogische_Lektüren. Acesso em: 12 abr. 2024.

BENJAMIN, Jessica. Intersubjectivity, Thirdness, and Mutual Recognition. In: **Institute for Contemporary Psychoanalysis**, Los Angeles, 2007. p. 1-23. Disponível em: <https://terapia.co.uk/wp-content/uploads/2020/05/Reading-14-Jessica-Benjamin-Intersubjectivity.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BENJAMIN, Jessica. The first bond. In: BENJAMIN, Jessica. **The bonds of love**: Psychoanalysis, feminism, and the problem of domination. New York: Pantheon Books, 1988, p. 1-40. Disponível em: https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Benjamin_First.pdf. Acesso em: 3 abr. 2023.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pósmodernidade. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 13, n. 154, p. 129-138, 2014.

BUTLER, Judith. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. London: Routledge, 1999.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2004. p. 11-66. Disponível em: https://selforganizedseminar.files.wordpress.com/2011/07/butler-undoing_gender.pdf. Acesso em: 6 jun. 2023.

COUTINHO, Maria C.; KRAWULSKI, Edith; SOARES, Dulce H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 19, edição especial, p. 29-37, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/nN9wNGSfzdr9VxZkRSJqjmk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 fev. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Difference and repetition**. London: Columbia University Press, 1994.

DISEMBEDDING. In: CHANDLER, Daniel; MUNDAY, Rod. **A Dictionary of Media & Communication**, 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2016. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/acref/9780191800986.001.0001/acref-9780191800986-e-733>. Acesso em: 14 mai. 2023.

DUA, Y. Identity in the Globalizing World. **The Social Talks**, 2021. Disponível em: <https://thesocialtalks.com/world/identity-in-the-globalizing-world/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

EICKELPASCH, Rolf, RADEMACHER, Claudia. **Identität**. 4. ed. Bielefeld: transcript, 2013. E-Book. p. 1-14. Disponível em: https://www.transcript-verlag.de/media/pdf/ba/ef/49/tstw0242_1p8eF1GMROqWt6.pdf. Acesso em: 22 mar. 2024.

ENTREVISTA EXCLUSIVA ZYGMUNT BAUMAN. Salvador: Núcleo de Pesquisa em Estudos Culturais Npec, 23 ju. 2011. Disponível em: <https://institutocpfl.org.br/play/entrevista-exclusiva-zygmunt-bauman/> Acesso em: 27 ago. 2021.

ERIKSON, Eirk H. **Identität und Lebenszyklus**. 29. ed. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1973.

ERIKSON, Erik. H. **Identity: youth and crisis**. 7. ed. New York: WW Norton & Company, 1968.

ERIKSON, Erik H.; ERIKSON, Joan M. The ninth stage. In: ERIKSON, Erik H.; ERIKSON, Joan M. **The life cycle completed** (extended version edition). New York: WW Norton & Company, 1998. p. 105-134. Disponível em: https://books.google.de/books?hl=en&lr=&id=SKidSuluprgC&oi=fnd&pg=PP2&dq=ERIKSON,+Erik+H.%3B+ERIKSON,+Joan+M.+The+ninth+stage.+In:+ERIKSON,+Erik+H.%3B+ERIKSON,+Joan+M.+The+life+cycle+completed+&ots=E84cGzJiDO&sig=0VxQ0a0faw4h-Bm_fkF2KseHRUo&redir_esc=y#v=onepage&q=ERIKSON%2C%20Erik%20H.%3B%20ERIKSON%2C%20Joan%20M.%20The%20ninth%20stage.%20In%3A%20ERIKSON%2C%20Erik%20H.%3B%20ERIKSON%2C%20Joan%20M.%20The%20life%20cycle%20completed&f=false. Acesso em: 3 jun. 2022.

FILOSOFIA para Profanos – Deleuze/Rizoma. [S. l.: s. n.], 22 abr. 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Herrerasenjo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4h9DZs9cwE0>. Acesso em: 29 abr. 2023.

FREUD, além da alma. Direção: John Huston. Produção: Wolfgang Reinhardt. Intérpretes: Montgomery Clift, Susannah York, Larry Parks, Susan Kohner. USA: Universal-International, 1962. 1 vídeo (2h20min). Publicado pelo canal Warley. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5QcIknKoBiE>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v 12, p. 13-50. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psa-76495>. Acesso em: 2 fev. 2021.

FREUD, Sigmund. Eine Schwierigkeit der Psychoanalyse. In: **Imago: Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften**. Heidelberg: Universität Heidelberg, 1917. v. 5, p. 1-7. Disponível em: https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/imago1917_1919. Acesso em: 10 abr. 2023.

FREUND, Alexandra M. Wer ich bin, und wenn ja, wann. **Der Tagesspiegel**, Berlim, n. 23.536, p.1, jul. 2018. Disponível em: https://www.psychologie.uzh.ch/dam/jcr:2fb856ec-cb5e-48da-a28b-0614993753cc/causa_freund.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

FROSH, Stefan; BARAITSER, Lisa. Goodbye to identity? In: ELLIOTT, A.; DU GAY, P. (eds.). **Identity in question**. London: Sage, 2009. p. 158-169. Disponível em: <https://eprints.bbk.ac.uk/id/eprint/1493/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

GUATARRI, Pierre-Felix; DELEUZE, Gilles. **Rizoma**. Ciudad de México: Diálogo Abierto, 1994. Disponível em: <https://www.elortiba.org/old/pdf/rizoma.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2022.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 11 jul. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006a. E-Book. Disponível em: https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 2 ago. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006b.

HALL, Stuart. Introduction: Identity in question. In: HALL, Stuart; HELD, David; MCGREW, Anthony G. **Modernity and its Futures**. Cambridge: Open University, 1992. p. 274-280. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1421/jaro2006/PH1215/um/Hall_Concepts_of_identity.pdf. Acesso em: 3 jan. 2024.

HALL, Stuart. Raça, o significante flutuante. **Revista Z Cultural**. Rio de Janeiro, ano 8, n. 2, 1996. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

HALL, Stuart. Who needs 'identity'? In: HALL, Stuart; DU GAY, Paul (eds.). **Questions of cultural identity**. 5. ed. London: Sage Publications, 2000. p. 1-17. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Kevin-Robins-2/publication/282575965_Interrupting_Identities_TurkeyEurope/links/5612bc3408aea34aa92997e0/Interrupting-Identities-Turkey-Europe.pdf. Acesso em: 26 jun. 2021.

HOARE, Carol H. **Erikson on development in adulthood**: new insights from the unpublished papers. New York: Oxford University Press, 2002. E-Book. Disponível em: <https://archive.org/details/eriksonondevelop0000hoar>. Acesso em: 2 set. 2022.

HOFFMANN, Dagmar. Review: Jean-Claude Kaufmann – 2005: die erfingung des ich. Eine theorie der identität. **FQS – Forum Qualitative Sozialforschung**, v. 9, n. 1, art. 27, jan. 2008. Disponível em: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/359/785>. Acesso em: 29 mar. 2023.

JOAQUIM, Teresa. Criação de humanos e/ou de conceitos a questão da maternidade n'O segundo sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 12, p. 165-202, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634894>.

JOAQUIM, Teresa. Posfácio. In: JOAQUIM, Teresa. Ensaio sobre as práticas e crenças da gravidez, parto e pós-parto em Portugal. Lisboa: Etnográfica Press, 2019. Disponível em: <https://books.openedition.org/etnograficapress/3586>. Acesso em: 2 abr. 2021.

JOAQUIM, Teresa; BARROS, Margarida. Os percursos da escolha: contextos e condições da decisão sobre a maternidade e não maternidade. In: ALVAREZ, Teresa; JOAQUIM, Teresa; PINTO, Teresa (orgs.). **Estudos sobre as mulheres**: conhecimentos itinerantes, percursos partilhados. Lisboa: CEMRI – Universidade Aberta, 2019. p. 81-89. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstreams/d800e4dd-d47e-4a19-83a5-343b8e3b9d04/download>. Acesso em: 3 abr. 2023.

LARRAURI, Maitê. Deleuze (s.d.). Publicado pelo canal **Visão X Filosofia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mI8KgYzL1Pg>. Acesso em 12 mar. 2023.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si**: uma teoria da identidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

KEUPP, Heiner. Identitätsarbeit heute: Befreit von Identitätszwängen, aber ein lebenslanges Projekt. In: HAMMERER, Marika; KANELUTTI-CHILAS, Erika; MELTER, Ingeborg (orgs.). **ZukunftsfeldBildungs-und Berufsberatung II**. Das Gemeinsame in der Differenz finden. Bielefeld: Bertelsmann, 2013a. p. 49-69. E-Book. Disponível em: <https://www.fachportal-paedagogik.de/literatur/vollanzeige.html?FId=3185373>. Acesso em: 4 jul. 2022.

KEUPP, Heiner. Subjektgenese, Enkulturation und Identität. **Kulturelle Bildung Online**. Hildesheim, 2013b. Disponível em: <https://www.kubi-online.de/artikel/subjektgenese-enkulturation-identitaet>. Acesso em: 22 abr. 2023.

KIM, Young Y. Intercultural personhood: Globalization and a way of being. **International Journalof Intercultural Relations**, Berlim, v. 32, n. 4, p. 359-368, jul. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248437315_Intercultural_personhood_Globalization_and_a_way_of_being. Acesso em 30 jan. 2022.

LACAN, Jacques. Book X-Anxiety - 1962-1963. In: LACAN, Jacques. **The seminar of Jacques Lacan**, 1962, p. 48-61. [S.l.: s.n.] Disponível em:

https://www.valas.fr/IMG/pdf/THE-SEMINAR-OF-JACQUES-LACAN-X_1_angoisse.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

MÉLLO, Ricardo P.; DI PAOLO, Ângela F. Subjetivações, identidades e o linguajar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 131-142, 2 semestre 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812007000300011&script=sci_abstract. Acesso em: 2 abr. 2022.

MOREIRA, Jacqueline de O. Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 233-247, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844628018.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MOURÃO, Ada; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (orgs.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 208-226. E-Book. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Temas_B%C3%A1sicos_em_Psicologia_Ambienta/h4wwDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 3 mar. 2023.

NOACK, Juliane. Eileitung – Erik H. Erikson: Identität und Lebenszyklus. In: JÖRISSEN, Benjamin; ZIRFAS, Jörg (eds.). **Schlüsselwerke der Identitätsforschung**. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2010. p. 37-53. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-531-92196-9_3. Acesso em: 5 maio 2023.

NOACK, Juliane. A idéia de identidade sob uma perspectiva semiótica. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p. 103-113, dez. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641238008.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2021.

OLIVEIRA, Amael. Identidade de Zygmunt Bauman. **Revista Linguasagem**, São Carlos, v. 19, n. 1, p.1-9, 2012. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1226>. Acesso em: 13 jul. 2022.

ORDE, Heike. **Perspectives on identity: an overview of identity concepts from psychoanalysis, sociology and psychology**. Oxford: Academica, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/74007332/Perspectives_on_identity_AN_OVERVIEW_OF_IDENTITY_CONCEPTS_FROM_PSYCHOANALYSIS_SOCIOLOGY_AND_PSYCHOLOGY. Acesso em: 4 out. 2021.

PECK, Stephen C. Revisiting Erikson's neglected concepts of ego-identity and self-identity: hidden persuaders in the twilight zones of awareness. **Archives of Psychology**, [S.l.], v. 2, n. 1, jan. 2018. Disponível em: <https://www.archivesofpsychology.org/index.php/aop/article/view/39>. Acesso em: 2 abr. 2022.

PEREIRA, Helder R. A crise da identidade na cultura pós-moderna. **Mental – Revista de Saúde Mental e Subjetividade da Unipac**, Barbacena: Universidade Presidente Antônio Carlos, v. 2, n. 2, p. 87-98, jun. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/420/42000207.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2023.

POLETTTO, Julia; Kreutz, Lúcio. HALL, Stuart: A identidade cultural na pós-modernidade. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, 2014. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2515>. Acesso em: 4 mai. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Almedina, 2013. E-Book. Disponível em: https://www.academia.edu/31425655/SANTOS_Boaventura_de_Souza_Pela_M%C3%A3o_d_e_Alice_o_social_e_o_pol%C3%ADtico_na_p%C3%B3s_modernidade. Acesso em: 2 fev. 2023.

SILVA, Teodoro G. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Reflexão apresentada ao programa de Pós-graduação em História (MHIST) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos necessários para a obtenção de nota da disciplina História, Identidade e Nação. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/31424928/PONTIF%C3%8DICA_UNIVERSIDADE_CAT%C3%93LICA_DE_GOI%C3%81S_PROGRAMA_DE_P%C3%93S_GRADUA%C3%87%C3%83_O_EM_HIST%C3%93RIA_MHIST_IDENTIDADE_ENTREVISTA_A_BENEDETTO_VE_CCHI_GOI%C3%82NIA_SET_2014?uc-g-sw=33446887. Acesso em: 14 mar. 2023.

POLETTTO, Julia; KREUTZ, Lúcio. HALL, Stuart: A identidade cultural na pós-modernidade. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, 2014. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2515>. Acesso em: 4 maio 2022.

SOKOL, Justin T. Identity development throughout the lifetime: an examination of Eriksonian theory. **Graduate Journal of Counseling Psychology**, Milwaukee, v. 1, n. 2, p. 1-11, artigo 14, 2009. Disponível em: <https://epublications.marquette.edu/gjcp/vol1/iss2/14/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

SOVIK, Liv. Pensando com Stuart Hall. In: GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI JUNIOR, Jeder (orgs.). **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 49-62. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5536/1/Comunicacao%20e%20estudos%20culturais-repositorio2.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SUPIK, Linda. Dezentrierung des Subjektes. In: SUPIK, Linda. **Dezentrierte Positionierung**: Stuart Halls Konzept der Identitätspolitik (Kultur und soziale Praxis). Bielefeld: transcript Verlag, 2005. p. 17-43. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-393591>. Acesso em: 29 jun. 2021.

TILIO, Rogério Casanovas. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. [S.l.], v. 1, n. 1, p. 109-119, 2009. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/reihm/article/view/529>. Acesso em: 2 mar. 2024.

UNTERBERGER-PROBST, Carola. **Stuart Hall**: die frage der kulturellen identität. München: Grin Verlag, 2008.

VANHEULE, Stijn; VERHAEGHE, Paul. Identity through a psychoanalytic looking glass. **Theory & Psycholog**, Thousand Oaks, v. 19, n. 3, p. 391-411, jun. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240281219_Identity_through_a_Psychoanalytic_Looking_Glass. Acesso em: 13 abr. 2023.

VECCHI, Benedetto. Introduction. *In*: BAUMAN, Zygmund. **Identity**: conversations with Benedetto Vecchi. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013. p. 1-8.

WALLER, Lewis. **THE Rhizome** – A Thousand Plateaus, Deleuze and Guattari. [S. l.: s. n.], 22 dez. 2018. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Then & Now. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQ2rJWwXilw>. Acesso em: 23 mar. 2024.

ZOURABICHVILI, François, GOLDENSTEIN, Victor. **O vocabulário de Deleuze**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2004. Disponível em: <https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2024.